

**Bairro Histórico de Colônia
do Sacramento, Uruguai: 20
anos de Patrimônio Cultural
da Humanidade para qual
humanidade?**

**Historic Quarter of the Colonia
del Sacramento, Uruguay: 20
years of Cultural Heritage of
Humanity for which humanity?**

**Barrio Histórico de Colonia
del Sacramento, Uruguay: 20
años como Patrimonio Cultural
de la Humanidad, ¿para cuál
humanidad?**

**Eduardo Alexandre Louzado¹
Verlaine Fátima Wazenkeski²
Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa³**

¹ Mestrando em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Mestranda em Patrimônio Cultural pela UFSM.

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Recebido em: 11/12/2015
Aceito para publicação em: 22/2/2016

Resumo: A mais antiga cidade uruguaia – Colônia do Sacramento, que é capital do departamento de Colônia – foi fundada em 1680 e mantém na atualidade, em seu denominado Bairro Histórico, um considerável conjunto de monumentos históricos, sendo alguns datados do século XVII. Em decorrência dessa preservação, a Unesco declarou em 1995 o Bairro Histórico como patrimônio cultural da humanidade. Considerando a importância cada vez maior que tem se dado ao patrimônio cultural como um dos vetores de mudança urbana, busca-se (re)pensar, com base no jubileu de 20 anos do tombamento do Bairro Histórico de Colônia do Sacramento/Uruguai como patrimônio cultural da humanidade, os possíveis impactos desse período na significativa salvaguarda dos patrimônios culturais locais, com base na reflexão de Costa (2012, p. 92): “onde se encontra a alma da cidade, aquela espécie de memória que não deveria desaparecer e pela qual vale a pena criar instrumentos de tombamento? Como proteger tantos tipos diferentes de patrimônios?”.

Palavras-chave: patrimônio cultural; Unesco; Colônia do Sacramento.

Abstract: The oldest Uruguayan city - Colonia del Sacramento, which is capital of the department of Colonia – was founded in 1680 and maintains today, in its so-called Historic Quarter, a considerable number of historical monuments with some dating back to the seventeenth century. As a result of this preservation, UNESCO declared this Historic Quarter a Cultural Heritage of Humanity in 1995. Considering the increasing importance that has been given to cultural heritage as one of the urban change vectors, we seek to (re) think, based on the celebration of twenty years since the Historic Quarter of the Colonia del Sacramento / Uruguay was declared a World Heritage Site, the possible impacts of this period in significant protection of local cultural heritage, based on the reflections of Costa (2012, p. 92): “where is the soul of the city located, that kind of memory that should not disappear and for this is it worth creating preservation instruments to register heritage? How can the many different types of assets be protected?”

Keywords: cultural heritage; UNESCO; Colonia del Sacramento.

Resumen: La ciudad más antigua de Uruguay – Colonia del Sacramento capital del departamento de Colonia - fundada en 1680 y mantiene hoy en día, en su denominado Distrito Histórico, un cuerpo considerable de monumentos históricos y algunos de fechas del siglo XVII. Como resultado de esta preservación, la UNESCO declaró en 1995 el Distrito Histórico como Patrimonio Cultural de la Humanidad. Por lo tanto, teniendo en cuenta la creciente importancia que se ha dado al patrimonio cultural como uno de los vectores del cambio urbano, se busca (re) pensar, con base en el aniversario de 20 años de caída del Distrito Histórico de Colonia del Sacramento / Uruguay como Patrimonio Cultural de la Humanidad, los posibles impactos de ese período en una significativa protección del patrimonio cultural local, con base en la reflexión de Costa (2012, p. 92): “donde se encuentra el alma de la ciudad, el tipo de memoria que no debe desaparecer y por la cual, ¿vale la pena crear instrumentos de caída? ¿Cómo proteger a los diferentes tipos de patrimonios?”.

Palabras clave: patrimonio cultural; UNESCO; Colonia del Sacramento.

INTRODUÇÃO

A mais antiga cidade uruguaia – Colônia do Sacramento, que é capital do departamento de Colônia – foi fundada em 1680 e mantém na atualidade, em seu denominado Bairro Histórico, um considerável conjunto de monumentos históricos, sendo alguns datados do século XVII.

A historiografia de Colônia do Sacramento confere a essa cidade uma inquestionável importância no delineamento da história latino-americana que, associada à considerável preservação de seus prédios históricos dos séculos XVII, XVIII e XIX, a transformou em um dos principais destinos turísticos do Uruguai, recebendo cerca de 300 mil visitantes por ano, conforme dados do Observatório Turístico (PNUMA, 2009, p. 46).

Acerca de patrimônio cultural material, segundo Figueira (2015, p. 265), é

testemunho físico do tempo, da ausência, do passado longínquo, mas presente na paisagem atual e destacado na plástica idealista de sua requalificação por meio de práticas como a restauração, legitimada por medidas de proteção estatal (e internacional).

E, como declara Dias (2009, p. 22), “a proteção do patrimônio cultural edificado na cidade [...] é uma forma de garantir a cidadania cultural à coletividade, protegendo o direito fundamental à preservação da memória”.

Para tanto, considerando a bem preservada paisagem da cidade e especialmente do Bairro Histórico de Colônia do Sacramento, que mantém de forma harmônica e agradável a justaposição dos estilos espanhol, português e pós-colonial, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco, do inglês United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) declarou em 1995 esse local como patrimônio cultural da humanidade.

Sobre o relevante patrimônio cultural edificado do Bairro Histórico, destaca-se ainda que, segundo o PNUMA (2009, p. 90, tradução nossa), “o bairro ocupa 16 hectares, os quais se encontram divididos em 33 quadras, 5 praças, 26 ruas, 5 calçadões e 282 lotes urbanos⁴”.

E o tombamento, decorrência da coexistência de edificações de diferentes períodos, conduz a um caráter bastante diversificado em particular, e, para tanto, independentemente do simbolismo e/ou origem do valor, a organização e a preservação desse patrimônio buscam a perpetuação não somente do objeto material, mas também a história e o suporte de memórias de um grupo ou de uma sociedade (LOUZADO; COSTA, 2015, p. 172).

Considerando, portanto, a importância cada vez maior que tem se dado ao patrimônio cultural como um dos vetores de mudança urbana, busca-se (re)pensar, com base no jubileu de 20 anos do tombamento do Bairro Histórico de Colônia do Sacramento/Uruguai como patrimônio cultural da humanidade, os possíveis impactos desse período na significativa salvaguarda dos patrimônios culturais locais.

Patrimônio, patrimônio cultural, patrimônio cultural da humanidade

Vernaculamente, patrimônio pode ser compreendido como herança familiar e/ou conjunto de bens familiares, uma vez que, de origem latina, *patrimonium* já significava

⁴ Texto original: “El barrio cubre 16 hectáreas, las que se encuentran divididas en 33 manzanas, contiene 5 plazas, 26 calles, 5 pasajes peatonales y 282 padrones urbanos”.

entre os antigos romanos tudo o que pertencia ao *pater*, pai de família.

Nessa percepção romana, a família compreendia tudo que estava sob domínio do senhor, inclusive a mulher e os filhos, mas também os escravos, os bens imóveis e móveis, até mesmo os animais. Isso tudo era *patrimonium*, tudo que podia ser legado por testamento, sem excetuar, portanto, as pessoas (CARLAN; FUNARI, 2010, p. 16).

Contudo, ao considerar que a expressiva maioria dos cidadãos romanos não era possuidora de bens ou escravos, conseqüentemente não era detentora de *patrimonium* e, portanto, como afirmam Carlan e Funari (2010, p. 17), “o patrimônio, se assim podemos chamar, era um valor aristocrático e privado, referente à transmissão de bens no interior da elite patriarcal romana. O patrimônio era patriarcal, individual e privativo da aristocracia”.

Mas ao entender que patrimônio, contrariamente a sua liquidez conceitual, não existe isoladamente, uma vez que *a priori*, sendo este o/um conjunto de bens materiais e/ou imateriais que cumulativamente registram e expressam a história de um indivíduo, comunidade, região ou nação e, para tanto, *a posteriori* enquanto um legado herdado que será transmitido a futuras gerações, ele, o patrimônio, está intrinsecamente indissociado da construção e (re)construção de memórias individuais e/ou coletivas.

Com a Revolução Francesa, a *nouvelle histoire*, ou nova história, imprimiu uma noção de patrimônio que o associou aos elementos que proclamam a memória e a história de uma nação, conduzindo à intervenção do Estado e, por consequência, de políticas públicas para a salvaguarda e a valorização dos bens agora considerados herança de um povo.

Dessa forma, à luz da contemporaneidade, a Declaração de Caracas de 1992 asseverou que o patrimônio cultural de uma nação, região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que o constituem, incluindo o meio ambiente. E, ao remontar a essa consideração, pode-se inferir que o patrimônio cultural é formado por bens simbólicos portadores de registro(s) com o(s) qual(is) a população se identifica e, conforme Costa (2014, p. 168),

esta mensagem pode ser histórica, artística, científica ou outra, mas o importante para que se inclua um objeto na categoria de patrimônio é o envolvimento que a população demonstra ter com ele e, quando se fala de população, a ideia deve ser expandida desde pequenas comunidades até o amplo conceito de humanidade, ou seja, toda a população da Terra.

Sobre a relevância enquanto suporte de memórias – bens simbólicos, arraigados ao patrimônio cultural –, o museólogo francês Georges Rivière reforça que eles são

um espelho que a população olha para reconhecer-se, onde ela procura uma explicação sobre o território em que está, em conjunto com a história de populações passadas, na descontinuidade ou continuidade das gerações. Um espelho que a população apresenta aos seus, para uma melhor compreensão, valorização das suas atividades, dos seus comportamentos, de suas particularidades⁵ (RIVIÈRE *apud* CÂNDIDO, 2007, p. 169, tradução nossa).

Considerando De Varine (2013), o patrimônio representa o passado no presente, com perspectivas de futuro, independentemente de material ou imaterial, de sua forma tipológica

⁵ Texto original: “[...] un miroir où cette population se regarde, pour s’y reconnaître, où elle recherche l’explication du territoire auquel elle est attachée, jointe à celle des populations qui l’ont précédée, dans la discontinuité ou la continuité des générations. Un miroir que cette population tend à ses hôtes, pour s’en faire mieux comprendre, dans le respect de son travail, de ses comportements, de son intimité”.

ou simbólica, demonstrando a resignificação como objeto de distintos usos, uma vez que tudo “o que herdamos, criamos, transformamos e transmitimos é o patrimônio tecido de nossa vida, um componente de nossa personalidade” (DE VARINE, 2013, p. 43).

Perante a imensurável importância dos patrimônios culturais, entre algumas das principais estratégias de proteção, salvaguarda e/ou restauração deles, destaca-se o tombamento. A origem do termo está ligada à Torre do Tombo, em Portugal, na capital Lisboa, local de salvaguarda das riquezas patrimoniais da realeza portuguesa.

O tombamento, segundo Figueira (2015, p. 265), “institui como princípio fundamental a perpetuação da memória histórica impressa no bem material que deve ser protegido por um registro público diante de sua importância local, regional, nacional ou internacional”. A Unesco, em âmbito internacional, referencia-se como o principal organismo representativo das políticas de preservação e gestão do patrimônio cultural, partindo dela a análise das indicações de sítios, conjuntos, monumentos, lugares e referências (no caso dos bens imateriais) e o voto para os que serão tombados (e registrados) como patrimônio cultural da humanidade (FIGUEIRA, 2015, p. 266).

A Lista do Patrimônio Mundial da Unesco, embrionária na Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 – cujas definições sobre patrimônio cultural e natural eram muito gerais –, recebeu suas primeiras inscrições de bens a partir de 1977, após o estabelecimento das Diretrizes Operacionais que detalharam as bases de valoração.

O reconhecimento de um bem e sua consequente inclusão na Lista do Patrimônio Mundial, segundo Scifoni (2004, p. 2),

é um procedimento complexo e rigoroso. Além de comprovar o valor universal e as condições de integridade, o proponente deve apresentar um plano de gestão para a área e os sítios devem contar, previamente, com uma proteção jurídica adequada em seu país de origem.

Uma vez chancelado pela Unesco, esta considera, segundo sua política institucional, o patrimônio da humanidade como um bem de todos, como um bem comum à humanidade que, segundo Figueira (2015, p. 266), “conduz a uma interpretação que todos podem usufruir o bem reconhecido, aumentando a curiosidade sobre este e a ampliação de sua visibilidade, diante de sua excepcionalidade, singularidade, carga simbólica e atributos patrimoniais”.

O patrimônio mundial, portanto, nessa percepção, adquire relevante função, uma vez que, considerando a credibilidade da Unesco, recebe um título similar a garantias de atratividade e qualidade do bem para visitação, como afirma Morel (1996, p. 84, tradução nossa),

em última instância, a declaração de bem de patrimônio da humanidade cria uma imagem a nível mundial que atrai e que pode atrair uma relevante quantidade de visitantes, criando uma imagem que provoca no mínimo curiosidade e que cria interesse que pode ser científico ou que pode ser puramente relacionado com o ócio⁶.

Na atualidade, conforme a Unesco⁷, a Lista do Patrimônio Mundial é composta de 1.031 bens, dos quais 802 correspondem a sítios de valor cultural, 197 são sítios de relevância natural e 32 de caráter misto.

⁶ Texto original: “en último término, la declaración de bien de patrimonio de la humanidad crea una imagen a nivel mundial que atrae, que puede atraer una serie de visitantes, crea una imagen que provoca curiosidad como mínimo y que crea interés que puede ser científico o que puede ser puramente relacionado con el ocio”.

⁷ Dados divulgados na *homepage* da Unesco. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

COLÔNIA DO SACRAMENTO/URUGUAI E SEU TOMBADO BAIRRO HISTÓRICO

A cidade de Colônia do Sacramento, ou Colonia del Sacramento, fundada em 22 de janeiro de 1680 por Dom Manuel Lobo – então governador da Capitania Real do Rio de Janeiro –, localiza-se à margem esquerda do Rio da Prata, no Uruguai, e na atualidade é a capital do departamento de Colônia.

Seus 335 anos de existência propiciam que um de seus maiores patrimônios seja sua própria história, como eternizou Carro D’Errico⁸ nos versos “Trescientos años, la edad más lejana de tus sueños, española y portuguesa, ciudadela, pietra y cielo / sostenida em tu memoria de poetas y guerreros, que tu nombre señalaron: Colonia del Sacramento” (D’ERRICO, 2013).

Inicialmente portuguesa, durante décadas Colonia del Sacramento testemunhou diversos enfrentamentos e conflitos bélicos entre Portugal e Espanha, uma vez que esses reinados almejavam, perante a política expansionista de outrora, ampliar seus domínios. No entanto o Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1777, consagrou definitivamente na cidade a soberania espanhola.

Em 1816, após uma invasão luso-brasileira, essa região – e por consequência a cidade – foi novamente dominada e anexada ao território brasileiro. As constantes e incansáveis disputas pelo território terminaram em 25 de agosto de 1825, com a proclamação da Declaratoria de la Independência, que promulgou a independência e a desvinculação do Império do Brasil, confirmando e legando ao Uruguai, recém-independente, a propriedade e o domínio da mais antiga cidade do novo país.

Adjacente à profícua história, com o transcorrer dos séculos a cidade de Colonia del Sacramento perpetuou um remanescente e bem conservado patrimônio material que foi edificado sob influência dos estilos português e espanhol – principalmente dos séculos XVI a XIX, tanto no interior como no entorno do seu chamado Bairro Histórico.

O Bairro Histórico de Colônia do Sacramento, também conhecido como Bairro Sur, Ciudad-Veja, Antigua Colonia del Sacramento e Ciudad Historica, foi tombado pela Unesco em 1995 na 19.^a Sessão do Comitê de Patrimônio Mundial como patrimônio cultural da humanidade, mediante a percepção de que

o valor universalmente e excepcional da área se sobressai com a presença de destacados testemunhos em seu traçado urbano e suas construções, vinculados à natureza e objetivos das construções coloniais europeias, em especial durante o final do século XVII⁹ (URUGUAI, 2012, p. 34, tradução nossa).

Essa autenticidade se manteve (figura 1) apesar das transformações, destruições e/ou hibridizações que o Bairro Histórico tem recebido, conservando um traçado e uma escala urbana original, formatando um conjunto arquitetônico determinado por mais de 300 anos de referências portuguesas, espanholas e nacionais, desde sua fundação até os dias atuais.

⁸ Luis Alberto Carro D’Errico, uruguaio, natural de Colônia do Sacramento, poeta e historiador, possui entre suas principais premiações no meio cultural a conquista em julho de 2013 do Concurso Internacional de Poesia organizado pelo CGT de León, España. Entre outros poemas, é autor de Colonia del Sacramento, obra da qual foram referendados os versos.

⁹ Texto original: “El valor Universal Excepcional del Sitio se corresponde con la presencia de destacados testimonios en su traza urbana y en sus construcciones, vinculados a la naturaleza y objetivos de los establecimientos coloniales europeos, en especial durante el período inicial de fines del siglo XVII”.

Figura 1 – Vista aérea do Bairro Histórico de Colônia do Sacramento



Fonte: Uruguai (2012, p. 16)

No Plano de Gestão do Bairro Histórico de Colônia do Sacramento é acrescentado, nessa perspectiva, que

o Bairro Histórico e o centro formam uma unidade espacial, funcional e simbólica construída ao longo do tempo. Integram duas maneiras tão diversas de construir uma cidade como o espanhol e o português. O centro não é simplesmente a área terrestre de estruturação do Patrimônio Mundial, mas é a área representativa de valores coloniais. As características urbanas únicas dão ao complexo um valor adicional de identificação cultural tanto local, como nacional¹⁰ (URUGUAI, 2012, p. 70, tradução nossa).

Nesse viés, a singularidade presente no Bairro Histórico de Colônia do Sacramento, fruto da coexistência de edificações de diferentes estilos, diferentes épocas e, por consequência, registros materiais da multifacetada identidade local, reforça a proposição de Costa (2014, p. 174) de que

não importa o tamanho do território a ser preservado nem a quantidade de bens culturais ali existentes. O que importa é a relevância do significado que aqueles bens possuem e portam para a população que os quer protegidos, pois é essa significação simbólica e afetiva que transforma um objeto, móvel ou imóvel, em patrimônio.

¹⁰ Texto original: “El Barrio Historico y el centro constituyen una unidad espacial, funcional y emblemática conformada a través del tiempo. Integra dos modos de modelar la ciudad, tan disímiles como el español y el portugués. El centro no es simplemente el Área de Amortiguación Terrestre del Patrimonio Mundial, sino que es el área representativa de los valores colonienses. Las características urbanas singulares confieren al conjunto un valor adicional de identificación cultural, tanto local como nacional”.

CIUDAD HISTORICA, UM GRANDE MUSEU

O Bairro Histórico de Colônia do Sacramento pode ser determinado como um “museu a céu aberto”¹¹. Portanto, nesse local específico se faz necessário elaborar um conjunto de ações educativas cuja finalidade seja fazer com que os habitantes locais conheçam esse espaço público e se reconheçam nele e, assim, se apoderem dele como um bem cultural que faz parte da sua história, podendo assim ser usufruído por todos.

É de fundamental importância para toda e qualquer sociedade que seu legado cultural, ou seja, seu conjunto de bens – materiais e imateriais – seja compreendido, respeitado e, principalmente, perpetuado para a permanência da identidade dessa mesma sociedade. Porém, mais que simplesmente conservar um legado cultural, é fundamental a todos e todas que o patrimônio cultural, além de preservado, seja compreendido e tomado como base para uma reflexão acerca do contexto no qual foi originado e de suas possíveis relações com as produções e as relações sociais globais e locais da atualidade.

Para esse processo de perpetuação de informações e da identidade de um grupo e/ou comunidade, os museus são fundamentais. Os museus, conforme Bruno (2009, p. 18),

desde o século XVIII, deram início ao estabelecimento de um modelo institucional hegemônico, organizado a partir do entrelaçamento e dependência entre um edifício, as ações técnicas e científicas de *pesquisa* (diferentes campos de conhecimento), *salvaguarda* (conservação, documentação e armazenamento) e *comunicação* (exposição, ação educativo-cultural) e o potencial do *público*. Esses vetores, até hoje presentes na sustentação das instituições museológicas, têm ampliado e desdobrado os horizontes de atuação dos museus com vistas a propiciar melhor definição e enquadramento em relação aos compromissos preservacionistas e educacionais.

À luz dessa consideração, um caminho a retomar é a discussão sobre a indissociabilidade do binômio *salvaguarda/degradação* proposta por Chagas (1996, p. 180), ao afirmar que “preservação e deterioração, da mesma forma que memória e esquecimento, são conceitos indissociáveis. [...] Ao estabelecer o que deve ser preservado – já que é impossível preservar tudo – alguma coisa é lançada no campo da deterioração”.

Dessa forma, no momento em que uma sociedade constrói a idealização sobre quais são os seus valores culturais, o patrimônio servirá, para fins de sua identificação coletiva, “veiculando uma consciência e um sentimento de grupo, para os próprios e para os demais, erigindo, nesse processo, fronteiras diferenciadoras que permitem manter e preservar a identidade coletiva” (COSTA; REMEDI, 2013, p. 49).

Portanto, com base na concepção contemporânea de museu e, por consequência, das coleções museais, conforme Ferreira, Gastaud e Ribeiro (2013, p. 61), “os objetos selecionados para compor o acervo do museu têm o seu *status* de objetos utilitários sobrepujados pela sua dimensão semântica, como indicadores de memórias partilhadas”.

Entretanto, conforme Bruno (1996, p. 18), “é fácil constatar que os museus têm preservado uma pálida imagem (por meio de algumas coleções) do que realmente seria a nossa herança patrimonial”, uma vez que ao compor uma coleção museal esta é uma escolha seletiva; a composição e a consequente exposição do acervo vinculam-se a um determinado discurso, a um determinado dizer. Assim, ao dar visibilidade ao acervo, o que se faz é afirmar ou confirmar um discurso (CHAGAS, 2002, p. 56). Complementa Menezes (1998, p. 94): “torna-se evidente, destas considerações, que o objeto histórico é de ordem ideológica e não cognitiva”.

¹¹ São museus criados no fim do século XIX, em países nórdicos como Suécia, Dinamarca e Noruega. Os museus a céu aberto têm os mesmos objetivos dos ecomuseus e podem ser considerados seus antecessores imediatos.

O patrimônio histórico-cultural de uma sociedade, conforme Castro (2007, p. 22),

constitui-se em um recurso, [...] uma vez que a comunidade concorde com isso, pois não só o passado é recuperado, como também são revitalizadas todas as atividades e expressões que se possam converter num instrumento a serviço do fortalecimento da identidade da comunidade.

E, ao assim considerar-se, “um prédio não será alvo de atos de vandalismo se a pessoa conhecer seu significado e sua história. A pessoa saberá o que ele representa para sua comunidade e para sua história como cidadão” (BARRETTO, 2002, p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar a importância da salvaguarda dos bens culturais enquanto suporte de memória e identidade de uma comunidade, Possamai (2006, p. 92) declara:

[...] o patrimônio nacional pode ser vislumbrado como uma mediação de determinada identidade. Nessa perspectiva, [...] patrimônio e identidade não são repertórios fixos e imutáveis, mas oriundos de um processo social de invenção da nação no imaginário coletivo.

Portanto, torna-se fundamental (re)pensar se a comunidade na qual o bem ou bens culturais estão salvaguardados se reconhece neste/nestes; se a comunidade identifica, na sua dinâmica social contemporânea, a importância desse patrimônio cultural ou apenas alude a lembranças de um passado clássico e/ou monumental, uma vez que, segundo Chagas (2002, p. 64), “o interesse no patrimônio não se justifica pelo vínculo com o passado seja ele qual for, mas sim pela sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, a vida dos seres humanos em relação com outros seres, coisas, palavras e idéias”.

De Varine (2013) destaca ainda que, independentemente de sua forma tipológica ou simbólica, material ou imaterial, o patrimônio representa o passado no presente, com perspectivas de futuro, numa constante ressignificação como objeto de distintos usos.

Todavia a ressignificação das casas residenciais (objetos) do Bairro Histórico de Colônia do Sacramento, associada e decorrente da especulação imobiliária, fez com que “a maioria das pessoas que viviam no bairro histórico vendesse suas casas para estrangeiros, que as converteram em locais para comércios, para serviços e em casa de fim de semana, principalmente de argentinos” (ZORZI; CERQUEIRA, 2011, p. 3)

Esse êxodo é significativo e relevante, como afirmou o cronista Andrés Roizen (2015):

Cada vez menos pessoas vivem neste local (bairro histórico), e as residências estão se transformando em casas comerciais ou de prestação de serviços, algo observado com preocupação pelos especialistas em patrimônio, uma vez que afirmativamente isto altera a identidade local. Segundo dados atuais, no bairro não vivem mais de 70 famílias. [...] Segundo o Plano de Gestão apresentado à Unesco no ano de 2012, em 1985 residiam 763 pessoas no bairro, em 1996 já eram 466, e em 2004, ano em que foram publicados os últimos registros, somente viviam 332 pessoas¹² (tradução nossa).

¹² Texto original: “Cada vez vive menos gente em el lugar, y las residencias se han ido transformando en locales comerciales y de servicios, algo que es señalado con preocupación por los especialistas en patrimonio, dado que afirman que eso altera la identidad del sitio. Según estimaciones actuales, en el barrio viven no más de 70 familias. [...] El plan de gestión entregado a la Unesco en el año 2012 daba cuenta de que en 1985 residían 763 personas em el barrio, en 1996 ya eran 466, y em 2004, año en el que fue publicado el último registro, solamente vivían 332 personas”.

Outro aspecto decorrente do tombamento do Bairro Histórico pela Unesco é a espetacularização turística do patrimônio cultural da humanidade. Segundo Figueira (2015, p. 279), “a transformação do patrimônio cultural em capital ‘espetacular’ reflete uma irrealidade do que parece real em torno do consumo de uma imagem patrimonial alegorizada”, pelo fato de que, conforme a pesquisadora uruguaia Barretto (2007, p. 121), “o monumento, ou cidade, tombado, transforma-se, quase de imediato, numa atração turística”.

Como reforça Figueira (2015, p. 280), “historicamente pensando, o legado cultural material local (hoje internacional) foi ressignificado pela lógica da produção capitalista, já que a cidade do passado e o bairro antigo transformaram-se em um verdadeiro centro turístico-patrimonial-comercial”, de maneira que, com o turismo de massas – para uma expressiva maioria de turistas –, o arraigado suporte de memórias/histórias da identidade da comunidade local torna-se coadjuvante entre *souvenirs* e fotos.

Dessa forma, faz-se necessária a percepção de que a transformação do pacato bairro predominantemente residencial de outrora em um movimentado centro comercial perpetua a verdade objetiva do objeto/edificação, entretanto desfaz uma significativa parte simbólica em que as intangíveis relações sociais decorrentes da (con)vivência doméstica dos/entre vizinhos se perdem com cada alteração de casa residencial para casa comercial.

Por fim, ao levar em conta a relevância da salvaguarda dos imóveis considerados patrimônios, Costa (2012, p. 92) questiona: “onde se encontra a alma da cidade, aquela espécie de memória que não deveria desaparecer e pela qual vale a pena criar instrumentos de tombamento? Como proteger tantos tipos diferentes de patrimônios?”.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. **Cultura e turismo**: discussões contemporâneas. Campinas: Papirus, 2007. 176 p.

_____. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades de planejamento. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002. 96 p.

BRUNO, M. C. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, M.; RANGEL, M. (Orgs.). **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), 2009. v. 1. p. 14-25.

_____. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. In: **CADERNOS de Sociomuseologia**. n. 9. Centro de Estudos de Sociomuseologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. p. 1-37.

CÂNDIDO, M. M. D. A função social dos museus. **Canindé** – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, Aracaju: Universidade Federal do Sergipe, n. 9, p. 169-187, jun. 2007.

CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A. Patrimônio e colecionismo: algumas considerações. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 16-24, 2010.

CASTRO, C. Y. **As representações sociais sobre o patrimônio histórico-cultural e a folheteria turística de Rio Pardo (RS):** um estudo exploratório. 137 f. Dissertação (Mestrado em Turismo)–Programa de Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

CHAGAS, M. de S. Memória e poder: dois movimentos. *In: CADERNOS de Sociomuseologia*. n. 19. Centro de Estudos de Sociomuseologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2002. p. 35-67.

_____. **O museu-casa como problema:** comunicação e educação em processo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. p. 177-199.

COSTA, H. H. F. G. da. Como atribuir valor ao patrimônio, estudo de caso: projeto plataforma. *In: OFICINA de estudos da preservação III*. Rio de Janeiro: IPHAN-RJ, 2014. p. 168-175.

_____. Museologia e patrimônio nas cidades contemporâneas: uma tese sobre gestão de cidades sob a ótica da preservação da cultura e da memória. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 87-101, jan.-abr. 2012.

COSTA, M. A. S.; REMEDI, J. M. R. Em nome dos valiosos testemunhos de nossas caras tradições: a “invenção” da cidade monumento e a polêmica patrimonialização da Rua da Ladeira – Rio Pardo (RS). **Patrimônio e Memória**, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, p. 31-55, jan.-jun. 2013.

D'ERRICO, Luis Alberto Carro. **Colonia del Sacramento**. 2013. Disponível em: <<http://www.soypoeta.com/concursos-tematicos/ii-concurso-poemas-tematicos-red-social-poesia-mi-pueblo-mi-ciudad/colonia-del-sacramento>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

DE VARINE, H. **As raízes do futuro:** o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. 1. reimp. Porto Alegre: Medianiz, 2013. 256 p.

DIAS, R. D. **Um olhar jurídico-multidisciplinar sobre a preservação do patrimônio cultural edificado na cidade de Pelotas**. 2009. 313 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural)–Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

FERREIRA, M. L. M.; GASTAUD, C.; RIBEIRO, D. L. Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013.

FIGUEIRA, M. C. Patrimônio cultural da humanidade e mercado turístico: o Bairro Histórico de Colônia do Sacramento, Uruguai. **Patrimônio e Memória**, São Paulo: Unesp, v. 11, n. 1, p. 262-282, jan.-jun. 2015.

LOUZADO, E.; COSTA, H. Seleção cultural: (re)pensando o Museo Casa Isleña de San Andres / Colômbia a partir de suas peças, coleções e objetivos. **Políticas Culturais em Revista**, América do Norte, 8 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/13744/9756>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

MENEZES, U. T. B. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, n. 21, p. 89-102, 1998.

MOREL, J. B. Conferência: o patrimônio da humanidade. In: YAGIZI, E. (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 77-87.

POSSAMAI, P. C. A Colônia do Sacramento: uma praça de guerra do império colonial português. **História em Revista**, Pelotas, v. 13, p. 9-28, 2007. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_paulo_possamai.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2015.

_____. **A vida quotidiana na Colônia do Sacramento**. Lisboa: Livros do Brasil, 2006. 456 p.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE – PNUMA. **Perspectivas del medio ambiente urbano: GEO Colonia del Sacramento**. Montevideu, 2009. 150 p.

ROIZEN, A. Colonia bajo fuego cruzado. **El Pais**, Uruguai, 26 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.elpais.com.uy/que-pasa/colonia-fuego-cruzado-patrimonio-humanidad.html>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

SCIFONI, S. A Unesco e os patrimônios da humanidade: valoração no contexto das relações internacionais. In: ENCONTRO DA ANPPAS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade), 2. Indaiatuba, 2004. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT13/simone_scifoni.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2015.

URUGUAI. Ministerio de Educación y Cultura. **Plan de Gestión del Barrio Histórico de Colonia del Sacramento**. Montevideo, 2012.

ZORZI, M.; CERQUEIRA, F. V. Gestão do patrimônio cultural da humanidade: perspectivas e problemáticas em Colônia do Sacramento, Uruguai. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 13., 2011, Pelotas. **Anais...**, 2011. p. 1-4.